



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

ANTÔNIA VALDIVINO CASTELO BRANCO

PERFIL DO DOCENTE PARA O ENSINO SUPERIOR DO SÉCULO XXI

FORTALEZA

2012

ANTÔNIA VALDIVINO CASTELO BRANCO

PERFIL DO DOCENTE PARA O ENSINO SUPERIOR DO SÉCULO XXI

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Luiz Gonzaga Rebouças Ferreira. Ph. D

**FORTALEZA
2012**

Branco, Antônia Valdivino Castelo

Perfil do Docente para o Ensino Superior do Século XXI/
Antônia Valdivino Castelo Branco – Fortaleza: CETREDE/UFC 2012

56 f.

Orientador: Prof. Luiz Gonzaga Rebouças Ferreira. Dr.

Monografia (Especialização em Educação) – CTRDE/UFC, 2012.

1. O Professor Universitário e as inovações inerentes ao século XXI. 2. A Sociedade do Conhecimento. 3 Formação Continuada.

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Docência do Ensino Superior, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Data da aprovação: ____/____/____

Antônia Valdivino Castelo Branco

Prof. Luiz Gonzaga Rebouças Ferreira
Orientador

Profa. Gláucia Maria de Menezes Ferreira
Coordenadora

Dedico este trabalho às pessoas que lutam diariamente ao meu lado, transmitindo fé, amor, alegria, determinação, paciência e coragem, tornando os meus dias mais felizes e bonitos. Dedico, também, à minha família, queridos companheiros dessa jornada, que me propiciaram a oportunidade de acreditar em mim mesma e vencer, e por também acreditarem em mim e deixarem os espaços livres para que eu pudesse aflorar os meus pensamentos, minhas hipóteses e principalmente minha vocação. Em especial ao meu querido filho Guilherme, pelo incentivo constante.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu vida e inteligência, e dá força para que eu possa continuar a caminhada em busca dos meus objetivos. Ao professor Luiz Gonzaga Rebouças Ferreira, pela dedicação, sugestões e incentivos dados para a realização da monografia. Obrigada pelos ricos ensinamentos que foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos meus pais, Manoel (*in memóriam*) e Luiza, que me ensinaram a não temer desafios e a superar os obstáculos com humildade. Ao meu querido filho, Guilherme, com o qual aprendo todo dia novos significados para o amor, peça fundamental para a conclusão deste trabalho.

Aos meus queridos irmãos por serem tão presentes em minha vida, especialmente à minha querida mana. Às minhas queridas cunhadas, Jaqueline, Janaina e Maurivânia e ao inesquecível amigo Cláudio Ferreira da Silva (*in memóriam*). Fez toda diferença poder contar com todos vocês quando pensei em desistir. À Vanderlúcia Fernandes, amiga incondicional, sem o seu incentivo este projeto nem teria começado. Obrigada por estar ao meu lado nos momentos alegres e tristes.

Em especial ao Thiago Félix, por ser tão iluminado, humano e amigo. À Maria de Lourdes Alves Barroso, por deixar claro que amigos não são concebidos por tempo de convivência e sim pela maneira que se fazem presentes quando necessitados. À amiga Aurice, que sempre acreditou na minha capacidade. À Thareja Luise, agradecendo a Deus por ter colocado esse anjo em minha vida. E aos demais que, de alguma forma, contribuíram na elaboração desta monografia.

“Se os teus projetos forem para um ano,
semeia o grão. Se forem para dez anos,
planta uma árvore. Se forem para cem
anos, educa o povo.” (Provérbio chinês)

RESUMO

Neste trabalho são analisadas as competências que devem nortear o trabalho do professor universitário, no século XXI, e a importância da formação continuada tanto no âmbito do ensino, quanto da pesquisa e da extensão, uma vez que os mesmos são indissociáveis. Seguindo essa proposta, o objetivo geral do estudo é analisar de que forma as inovações estão interferindo na qualificação profissional e atitude comportamental de professores universitários. A metodologia constitui-se de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de proporcionar uma boa base teórica com procedimentos característicos de uma abordagem qualitativa. Concluiu-se que ao exercer a docência no ensino superior, no atual século, o professor precisa, além de dominar o conteúdo a ser ministrado, dispor de conhecimentos teóricos e didáticos, e acima de tudo, ser criativo, inovador para se beneficiar das novas tecnologias. O mais importante, no entanto, consiste em ser capaz de desenvolver com o aluno um relacionamento interpessoal afetivo e ético, como importante elemento para favorecer a aprendizagem. A pesquisa aponta ainda a necessidade de estabelecer uma ligação entre às potencialidades de cada indivíduo, seus sentimentos e necessidades e todo o processo de aprendizagem que envolve e vai além da simples exposição dos conteúdos programáticos.

Palavras-chave: docência do ensino superior; relação professor-aluno; formação continuada;

LISTA DE SIGLAS

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

EAD – Educação a Distância

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PNE – Plano Nacional de Educação

TICs – Tecnologias de informação e comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E AS INOVAÇÕES INERENTES AO SECULO XXI	13
1.1 O professor universitário e a globalização.....	13
1.2 Educação a distância/cursos sequenciais/recursos multimídia.....	14
2 A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO	20
2.1 Professor como mediador do conhecimento.....	22
2.2 Relação professor-aluno: Novas perspectivas.....	25
3 FORMAÇÃO CONTINUADA.....	30
3.1 Didática inovadora na reconstrução da identidade do professor universitário	39
3.2 As principais competências exigidas para os docentes na nova realidade.	46
4. CONCLUSÕES.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Embasado nos estudos e reflexões sobre a docência do ensino superior na atualidade, percebe-se que o mundo acadêmico sofreu intensas mudanças, entre elas o enorme avanço da tecnologia e da visão profissional que o docente do ensino superior está assumindo ao se deparar com as inovações inerentes ao século XXI. Pode-se observar, também, a supervalorização das qualificações acadêmicas, pesquisas e titulações necessárias aos docentes do ensino superior. Nesse contexto, observa-se uma formação profissional insuficiente em muitos dos professores universitários, ficando, muitas vezes, restrita aos conhecimentos específicos à sua área de atuação.

Falta uma conscientização da importância e da necessidade de uma formação ampla continuada e desprovida de restrições, voltada para a capacitação de docente inovadores, criativos e capazes de quebrar paradigmas e romper com o pressuposto de que suas práticas e didáticas são perfeitas e não precisam ser modificadas ou aprimoradas. É preciso, também, considerar que surgiram novas perspectivas e demandas nas relações interpessoais entre professores e alunos no processo ensino/ aprendizagem.

Segundo Zabalza (2004, p.125), mesmo que se tenha de “transitar nos terrenos pantanosos do ‘deve ser’ é importante destacar aqui alguns dos eixos ou parâmetros sobre os quais se pede aos docentes universitários que reconstruam sua identidade profissional”. Torna-se imperioso lembrar que o ensino superior do século atual está fadado a romper de vez com estilos de ensino totalmente tradicionais e a partir desse ponto aliar tendências educacionais de estilos diferentes. Paulo Freire em sua obra seminal, *Pedagogia da Autonomia*, afirma que “o professor pós-moderno, tem que saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2010, p.22).

Ao fazer referência ao processo de docência do ensino superior Pimenta e Anastasiou (2002, p.259), ressaltam a importância do avançar no processo de docência e do desenvolvimento profissional, mediante a preparação pedagógica, lembrando que essa mudança não se dará em separado de processos de desenvolvimento pessoal e institucional. De acordo com esses autores, este é o desafio a ser considerado hoje na construção da docência no ensino superior. Esta pesquisa é de natureza qualitativa e consiste de uma revisão

de assunto por meio de pesquisa bibliográfica para fundamentar as proposições apresentadas sobre a formação do novo docente de ensino superior para o século XXI.

Esse trabalho tem como principal objetivo, analisar de que forma as inovações inerentes ao século XXI estão interferindo na qualificação profissional e atitude comportamental de professores universitários e observar que medidas esses docentes estão tomando para que consigam desenvolver estratégias adaptáveis às várias diferenças com as quais se convive hoje nas salas de aula. Pretende-se, também, nessa análise dar ênfase a novas perspectivas nas relações interpessoais entre professores e alunos e ressaltar a importância da formação continuada para docentes competitivos e bem sucedidos. Para alcançar os seus objetivos, esse trabalho será dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo faz uma abordagem de algumas inovações inerentes ao século XXI que podem ou não influenciar diretamente no processo ensino/aprendizagem dependendo da adequação do docente frente a essas inovações.

Por sua vez, o segundo capítulo discorre sobre uma nova sociedade que está se formando, onde a indústria abre espaço para uma nova revolução tecnológica, onde o capital humano é um efetivo agente de mudanças de um cenário que tende a se expandir de forma multidimensional.

A abordagem proposta se completa com o terceiro capítulo, no qual são mencionados e analisados os pontos fundamentais para o sucesso do profissional em docência do ensino superior no século XXI.

1. O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E AS INOVAÇÕES INERENTES AO SÉCULO XXI

1.1 O Professor Universitário e a Globalização

A sociedade atual distinguiu-se por sua capacidade de transitar pelo âmbito do conhecimento exigido e manter ao mesmo tempo sua originalidade, conseguindo aliar e desenvolver novas tendências educacionais às modernas tecnologias produzidas pela globalização. O professor de ensino do nível superior, embora quase sempre mestre e/ou doutor, muitas vezes depara-se com situações desafiadoras em que precisa intervir em um contexto onde são considerados aspectos relacionados ao cotidiano do estudante de maneira geral e que ultrapassam as barreiras do saber cognitivo.

Nos dias de hoje, na época do acesso à alta tecnologia, percebe-se cada vez mais a necessidade de existirem docentes universitários comprometidos com o a pesquisa e a busca constante pelo conhecimento visando integrar o domínio de saber intelectual ao domínio da linguagem da era da informação. Essa nova demanda se torna cada vez mais forte e premente em decorrência da globalização. Nesse novo contexto, é preciso atentar para o fato de que as mudanças ocorrem em escala regional, nacional e internacional, geralmente de maneira muito rápida onde todos os atores são atingidos pelas mudanças seja de forma direta ou não.

O professor do ensino superior é um dos principais agentes do processo educativo. Entretanto, essa não é sua única função, pois como docente universitário, além de atuar como mediador do conhecimento cabe-lhe ainda a função de através da pesquisa e investigação também produzir conhecimento numa sociedade em constante transformação. Ianni (1999, p.123) evidencia a importância da inovação tecnológica aliada aos saberes cognitivos para o desenvolvimento de indivíduos ao afirmar que:

A globalização do mundo abre novos horizontes sociais e mentais para indivíduos, grupos, classes e coletividades, nações e nacionalidades, movimentos e partidos políticos, correntes de opinião pública e estilos de pensamento. As condições e as possibilidades da cultura e da consciência já envolvem também a sociedade global.

Na Era da Globalização, o docente do ensino superior está diante de um amplo leque de oportunidades, porém para se beneficiar das mesmas é preciso que também domine conhecimentos amplos. É importante ressaltar que a responsabilidade do docente no processo educativo está essencialmente relacionada com a qualidade de sua formação. A globalização, ao mesmo tempo em que funciona como agente de inclusão, também poderá agir como fator de exclusão social e influenciar diretamente na carreira docente. Por isso, esses docentes deverão estar aptos a adaptarem-se às inovações sem, porém, menosprezar conhecimentos adquiridos em outros contextos sociais.

Pode-se dizer que a nova concepção de formação docente deve considerar aspectos referentes às políticas de formação e ética. Nunca se observou números tão elevados de pessoas com diplomas e títulos acadêmicos. Mesmo assim, com algumas exceções, observa-se uma falta de comprometimento profissional que ocasiona grande perda de eficiência e qualidade em várias áreas do ensino superior. Em consequência, surgem discursos voltados para um modelo de docência que, dentro dessa nova realidade possam atuar de forma crítica e ao mesmo tempo guiando-se por elevados valores morais e éticos.

Na atualidade, a concepção de docente universitário ideal implica grandes desafios, pois além dos conhecimentos específicos é necessária também a aquisição de habilidades típicas da profissão. Além de ensinar, é fundamental atuar também como pesquisador e até romper com o paradigma de que lugar de professor é na sala de aula. Os docentes da atualidade vivem uma realidade diferente, afinal esses profissionais acabam vivenciando atividades diversificadas nas instituições de ensino superior e para tanto precisam fazer uso de várias competências.

A globalização veio trazer novas perspectivas para a sociedade de maneira geral e no que se refere à docência é preciso despertar a consciência para a importância da formação continuada haja vista a difusão constante de informações e a rapidez com que o conhecimento é transformado e o saber deve ser aprimorado.

1.2 Educação a distância/cursos sequenciais/recursos multimídia

O século XXI veio trazer mudanças na educação sob vários aspectos, tanto no que se refere à prática e didática utilizada por professores como na própria estrutura de cursos ofertados e nos recursos utilizados para melhor eficiência e aplicação destes.

A Educação a Distância ou Ensino a Distância (EAD) é uma modalidade de ensino que tem sido bastante utilizada nas últimas décadas e que surgiu da necessidade da preparação ou aprimoramento profissional de milhões de pessoas que por motivos distintos não podiam freqüentar um estabelecimento de ensino presencial. Essa modalidade de ensino tem ganhado cada vez mais espaço em virtude das tecnologias disponíveis, que além de funcionarem como ferramentas de trabalho, atuam também como recursos de interação entre alunos e professores.

A EAD teve seu início no final do século XIX, em instituições particulares nos EUA e na Europa, utilizando-se de material didático enviado por correspondência postal. Com o transcorrer do tempo, a EAD passou a utilizar-se das tecnologias disponíveis a cada momento. Essa demanda exige do professor o domínio de conhecimento tecnológico e aprimoramento constante para que possa acompanhar as mudanças educacionais, bem como todo o processo que envolve a ação formativa e seus diferentes cenários. Litwin (2000, p.18) faz menção à importância de fazer uso das inovações tecnológicas de forma correta, ao afirmar que:

“[...] adaptar-se aos desenvolvimentos tecnológicos resulta na capacidade para identificar e pôr em prática novas atividades cognitivas, pois as tecnologias vão gerando permanentemente possibilidades diferentes; daí sua condição particular de ferramenta.”

Muitos são os recursos disponíveis para facilitar o processo ensino aprendizagem. Percebe-se, porém, que para atender a demanda da Sociedade da Informação e do Conhecimento, busca-se a construção de um modelo de educação, baseado na aprendizagem mediada pela tecnologia, que disponibiliza uma infinidade de informações e conseqüentemente um enriquecimento incalculável de saber. É importante que esse modelo esteja centrado no aluno, em suas necessidades, seus interesses e ritmos de aprendizagem. Ao aluno cabe assumir o papel de questionador, pois dessa forma além de aprender, também contribui para o aprendizado do grupo, expondo suas indagações ou opiniões, para construção do saber colaborativo.

Nesse contexto, o professor assume uma postura baseada na aprendizagem integrada, estimulando no aluno um espírito crítico e articulador preparando-o assim para um mercado de trabalho onde a capacitação e discernimento farão toda a diferença. Na sociedade atual marcada por mudanças constantes, incertezas, diversidade e permanente transformação, o

professor deve estar preparado para desenvolver um trabalho amplo considerando aspectos relativos à forma de agir de cada aluno diante de situações diferenciadas.

É importante, também, considerar as competências que os alunos precisam desenvolver para que estejam aptos a trabalhar em equipe ou individualmente aliando responsabilidade e planejamento, pois ambos são imprescindíveis para que a tecnologia atinja os efeitos desejados. O profissional do ensino deve sempre ter em mente que o objetivo maior da EAD, na atualidade, é o de facilitar o processo de ensino-aprendizagem de forma interativa e participativa estabelecendo um nível de comunicação autêntica e transparente entre professor e estudante.

Os cursos seqüenciais surgiram e ganharam espaço, no início do Século XXI, propondo um modelo de educação onde professores tendem a sair de sua zona de conforto e mais uma vez adaptar-se as inovações propostas por uma nova modalidade de ensino. Durante os anos cinquenta e sessenta do século passado, aumentou a demanda por trabalhadores especializados, cuja qualificação exigida superava a adquirida no âmbito da escolarização em nível médio o que acabou ocasionando a expansão de oportunidades voltadas para a escolarização, em especial, no nível superior.

Os cursos sequenciais são uma excelente opção para profissionais que já estão no mercado de trabalho e que precisam de um diploma de nível superior em curto prazo seja para aprimorar seus conhecimentos, para galgar uma promoção ou mesmo por questões relacionadas à realização pessoal.

O relator do Parecer, Prof. Jacques Velloso, procura, inicialmente, distinguir esse tipo de curso como uma modalidade à parte dos demais cursos de ensino superior, ao afirmar que:

Os cursos seqüenciais não são de graduação, [...]. Ambos, seqüenciais e de graduação, são pós-médios e de nível superior no sentido em que o ingresso em qualquer um deles é aberto apenas aos que tenham concluído o ensino médio. Mas distinguem entre si na medida em que os de graduação requerem formação mais longa, acadêmica ou profissionalmente mais densa do que os seqüenciais. Anteriores, simultâneos ou mesmo posteriores aos de graduação, os cursos seqüenciais permitem, mas não exigem que seus alunos sejam portadores de diplomas de nível superior. Não se confundem, portanto, com os cursos de pós-graduação, tratados no inciso do mesmo artigo. Tampouco devem ser assimilados aos cursos de extensão, pois estes, por constituírem modalidade igualmente distinta, encontram-se nomeados no inciso IV do artigo 44^o. (Brasil, MEC/CNE, 1997, p. 415)

Previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e supervisionada pela Secretaria de Educação Superior (Sesu), os cursos sequenciais são oferecidos em duas modalidades: formação específica e complementação de estudos.

O curso de formação específica é indicado para quem conclui o ensino médio e precisa de formação superior em curto prazo para começar a trabalhar ou se desenvolver no mercado de trabalho. Devem ser previamente autorizados pelo MEC e têm carga horária mínima de 1600 horas e 400 dias letivos, incluindo estágios ou práticas profissionais e acadêmicas. O curso de complementação de estudos, por sua vez, é indicado para quem já tem formação profissional. Esses cursos são oferecidos por faculdades e universidades com graduação já reconhecida pelo MEC. A proposta curricular, a carga horária e o prazo de conclusão do curso de complementação de estudos são estabelecidos pela instituição e deve ter pelo menos metade de sua carga horária relacionada a um ou mais dos cursos de graduação ministrados na instituição.

Nas duas modalidades, o aluno não tem acesso à pós-graduação (mestrado e doutorado), mas apenas aos cursos de especialização. É importante ressaltar que os cursos sequenciais são cursos de nível superior, mas não têm o caráter de graduação. Assim, após concluírem o ensino médio os estudantes regularmente matriculados nesses cursos podem obter uma qualificação superior além de aprofundar seus conhecimentos e dessa forma ampliar também o leque de oportunidades de ingressar no mercado de trabalho ou de crescer profissionalmente.

Com relação à titulação, os cursos sequenciais não conferem título equivalente ao de Bacharel, Tecnólogo ou Licenciado, que são títulos tradicionalmente existentes para cursos de graduação. Porém no que se refere a concursos públicos que especifiquem apenas o requisito de ser portador de diploma superior, os formados em cursos sequenciais poderão se inscrever e participar do processo de seleção.

Uma grande contribuição da tecnologia para o ensino moderno foi à incorporação de recursos multimídia aos processos de ensino, permitindo ao professor sair das limitações da aula tradicional. Entende-se por aula tradicional aquela na qual o professor expõe o conteúdo a ser ministrado geralmente na lousa e a partir daí procede às suas explicações e os alunos passivamente escutam. Percebe-se, porém, que esse tipo de aula está cada vez mais distante do atendimento das expectativas dos estudantes, pois com o crescente avanço tecnológico das

sociedades contemporâneas, muitos recursos têm sido incorporados à sala de aula como retroprojetor e transparências ou data show, recursos audiovisuais que substituem o giz e a lousa. Além desses, merecem ser mencionados os vídeos, animações, jogos, textos, áudios e softwares educacionais.

Levar esses recursos para a sala de aula significa deixar as escolas mais dinâmicas e criativas. Essa estratégia tem ganhado espaço tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Pela sua relevância e caráter inovador, os recursos multimídia têm despertado um grande interesse dos professores na melhoria das condições de ensino e de aprendizagem na educação superior.

Conforme Pimenta (2002, p.81), educar na universidade significa preparar os jovens para se "elevarem ao nível da civilização atual, de sua riqueza e de seus problemas, a fim de que aí atuem. Isso requer preparação científica, técnica e social".

Observa-se que só o livro didático não é mais suficiente para um ensino de qualidade e que os recursos multimídia são importantes e podem fazer muita diferença no dia-a-dia da sala de aula. Contudo, não basta se utilizar destes recursos; é preciso fazer isso com responsabilidade, pois os recursos multimídia têm entre outras a função de tornar o processo ensino aprendizagem algo mais dinâmico. No entanto, não se devem utilizar os recursos multimídia como meios exóticos e apelativos para chamar a atenção dos alunos, mas ser um suporte para facilitar a compreensão e assimilação de conteúdos complexos por parte dos alunos.

A tecnologia no mundo acadêmico, por conseguinte, não surgiu para atrapalhar, e sim para ajudar no ensino-aprendizagem, daí dizer-se que recai sobre o professor a responsabilidade de usufruir de maneira adequada desta nova ferramenta para melhoria das suas aulas. Já não é suficiente o fato do professor conhecer um determinado conteúdo e repassá-lo em aula de forma expositiva onde os alunos acabavam se tornando mero expectador e muitas vezes absolviam esses conteúdos sem questionar.

Docentes e discentes atuam hoje de forma interativa, e através de uma troca tanto de conhecimento quanto de experiências, ambos tendem a assimilar e expandir os conhecimentos adquiridos sem perder a ciência da necessidade de unir o ensino tradicional com o tecnológico.

Observa-se, que no contexto atual, o docente não pode simplesmente entrar na sala de aula e exibir um vídeo para os alunos, pois por melhor que seja o assunto abordado, a aula não terá sentido se não houver uma explanação e contextualização onde professores e alunos tenham a oportunidade de apreender e construir o conhecimento de forma reflexiva. Segundo Pimenta (2002, p.82) "[...] para saber ensinar, não bastam à experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos".

É reconhecido pelos especialistas em ensino que a globalização veio trazer várias inovações para o aperfeiçoamento dos processos educativos. Porém, exercer a docência de maneira efetiva e objetiva requer do professor uma atualização constante e expressão de sabedoria e coerência. Para tanto, é preciso que o professor consiga construir um elo com os estudantes, usando teorias e práticas inovadoras, mas conservando o seu espírito criativo e inovador de um pesquisador honesto e ético. É importante para esse profissional ter consciência que a tecnologia veio para o mundo acadêmico com o propósito de facilitar o processo de ensino aprendizagem, e não para ser aplicada somente pelo seu caráter inovador e moderno.

2. A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

A sociedade industrial durou dois séculos (1750-1950), e nas fábricas era norma pré-estabelecida que se produzissem quantidades cada vez maiores e no menor tempo possível. Nesse âmbito, os indivíduos eram tratados como máquinas cuja principal função era a produção em grande escala voltada para a padronização de mercadorias, com a força produtora estando centrada na mão-de-obra desenvolvida pela classe operária.

Segundo Harvey (1992, p.123), “[...] os trabalhadores apenas executam da produção em massa o que significa consumo em massa, modificando a forma de reprodução da força de trabalho, a estética do produto e a mercadificação da cultura”. É o modelo Taylor de produção que contabiliza minuciosamente todo o tempo gasto com a execução de tarefas visando maior produção em tempo resumido. Outro modelo de produção em massa que marcou a indústria automobilística na primeira metade do século XX foi o Fordismo.

Esse sistema era baseado numa linha de montagem em esteiras em movimento que foi implantado nas instalações onde os veículos eram montados e movimentavam-se enquanto o operário ficava praticamente parado, realizando uma pequena etapa da produção, e dessa forma não era necessária quase nenhuma qualificação dos trabalhadores. Observa-se que tanto em um sistema quanto no outro não se fazia necessário que a classe trabalhadora se desenvolvesse intelectualmente, pois o trabalho realizado era essencialmente mecânico, repetitivo e impedia o homem desenvolver-se e agir como ser pensante.

O fim do século XX, quando já se prenunciava o século XXI, marcado pela globalização do capitalismo o que ocasionou também a globalização do mundo do trabalho envolvendo a questão social e o movimento operário. A sociedade atual, portanto, está inserida em um contexto marcado por mudanças, onde predomina a disseminação da informação como principal forma de propagação de conhecimento. É nessa realidade, que a sociedade contemporânea propõe um modelo de crescimento econômico e desenvolvimento social que está diretamente associado ao conhecimento e ao domínio das novas tecnologias.

A revolução pós-industrial e a globalização proporcionaram benefícios consideráveis à humanidade, porém é necessário estar atento aos vários problemas que surgem nessa sociedade marcada pela incerteza, complexidade, e mudanças constantes onde o

conhecimento é rapidamente substituído. Nessa sociedade o recurso principal não é mais o capital, a terra ou mesmo a mão-de-obra, mas, sim a capacidade e a experiência dos indivíduos. Dessa forma, faz-se necessário tomar uma nova posição em relação à educação se se pretende desenvolver uma nação competitiva e incluída socialmente. Hoje, em decorrência do que foi explicado, tem poder quem tem conhecimento.

Fala-se muito em democratização do conhecimento, porém para abordar esse assunto é necessário antes de qualquer coisa esclarecer que embora estejam relacionados existe uma diferença considerável entre informação e conhecimento. Pode-se usar como exemplo a relação entre o acelerador, a embreagem, freio de mão e direção de um carro que é informação e a habilidade para utilizar essas ferramentas no ato de dirigir que é o que se chama de conhecimento.

É necessário estar atendo às informações que são transmitidas e a partir dessas, filtrar as que são relevantes ao processo de desenvolvimento de conhecimentos produzidos e capazes de promover a inclusão. Nesse âmbito de informação contínua, é importante que cada sociedade se aproprie e faça uso das tecnologias necessárias às suas particularidades para evitar o emprego aleatório gerado apenas com o intuito de fazer-se incluir socialmente. É importante, portanto que se consiga manter o controle do uso das tecnologias considerando que as necessidades devem corresponder ao desenvolvimento tecnológico proposto pela sociedade da informação e não que essas tecnologias possam moldar o modo de vida de cada pessoa.

No contexto social atual, pode-se presenciar uma crescente busca pela educação superior e isso ocorre porque o capital humano é o principal agente transformador na Sociedade do Conhecimento. Acredita-se que o ensino superior tende a suprir a demanda de qualificação necessária ao desenvolvimento de atividades intelectuais.

Mesmo na Sociedade do Conhecimento, é importante lembrar que o indivíduo é dotado de capacidade intelectual distinta, onde cada um possui suas peculiaridades. Deve-se, portanto, buscar a formação e qualificação capaz de gerar o conhecimento apropriado à construção de uma carreira bem sucedida, sendo essa gerada pela capacitação independente do indivíduo ter ou não diploma universitário.

O processo de transição da Era Industrial para a Era do Conhecimento é marcado por profundas alterações na organização do trabalho e conseqüentemente na forma de pensar e agir dos trabalhadores. Nesse contexto, os desafios suscitados pela sociedade do conhecimento tendem a ser visto como um movimento em prol da inclusão voltada para todos e não somente para os intelectuais. É necessário que todos tenham acesso às informações para que o conhecimento seja articulado para promover melhor qualidade de vida para todos.

O professor universitário da Sociedade do Conhecimento tende a tornar-se cada vez mais desenvolvido intelectualmente, e essa constatação deve-se ao fato de que a pesquisa, bem como a formação continuada, são indispensáveis ao desempenho de atividades acadêmicas. Ressalta-se que nesse novo cenário, as necessidades de qualificação profissional e acadêmica aumentaram consideravelmente.

Embora a universidade promova constantemente debates sobre a importância de desenvolver o saber cognitivo sob vários aspectos, cabe ao docente garantir sua efetiva permanência no mundo globalizado através do domínio das novas ferramentas e recursos educativos e, ao mesmo tempo, aliar esses conhecimentos as práticas já existentes.

2.1 Professor como mediador de conhecimento

Percebe-se a necessidade de uma nova visão e um novo paradigma de educação onde o professor tenha seu interesse centrado no estudante, o que requer uma profunda mudança de postura em suas práticas de difusão do conhecimento para que este consiga atuar como facilitador no processo ensino/aprendizagem. Ao professor já não cabe mais assumir simplesmente o papel de mero transmissor de conhecimentos, pois no atual contexto social esse profissional acaba desenvolvendo um papel bem mais amplo e complexo na formação de seus alunos. Compete ao professor ajudá-los a desenvolver um pensamento crítico e construir valores embasados na ética e voltados para uma formação realmente construtiva.

É importante ressaltar que cabe ao professor criar um ambiente de ensino instigante, propício ao aprendizado para que seus alunos possam desenvolver seu potencial de forma interativa considerando as exigências do mercado, que por sua vez, estão cada vez mais voltadas para o domínio do conhecimento tecnológico. Há algumas décadas, o professor era considerado o ‘mestre’ pois se acreditava que o mesmo dispunha de domínio total de teoria e

prática no processo educacional, e na verdade bastava um quadro-negro, giz, e um livro para que o conhecimento fosse ‘repassado’ sobre uma realidade distante e ultrapassada.

No exercício da docência na atualidade, professor não ensina, ao contrário, ele reaprende novas formas de agregar conhecimentos e facilitar o processo de aprendizado, portando-se como mediador através de sua própria atualização. O professor precisa ampliar seu conhecimento, pois só assim estará apto a contribuir com seus alunos em áreas diferenciadas de conhecimento e nesse ponto vale lembrar a importância da dedicação à pesquisa científica que é responsável pelo surgimento de descobertas importantíssimas para as práticas educacionais da sociedade pós-moderna. Hargreaves (2002, p.113), ao discorrer sobre as grandes mudanças como desafio para os professores faz a seguinte observação: “[...] qualquer tipo de transformação raramente é direta, e algumas podem ser muito difíceis de serem concretizadas”.

Exercer a docência exige do professor bem mais que qualificações acadêmicas, pesquisas e titulações, pois nessa profissão a questão dos relacionamentos interpessoais também é considerada. É impossível atuar nesse cenário isoladamente deixando de considerar as necessidades do educando com relação ao aprendizado, bem como sobre a formação de sua identidade enquanto pessoa.

Ao mediador de conhecimento não basta à função de transferir informação através de um processo em que o mesmo seja considerado um simples elo entre ensino e aprendizado. Entende-se que esse educador é um profissional que domina determinados saberes, contudo, sua capacidade de transformar e transmitir esses saberes considerando a complexidade de cada situação é que irá sustentar sua postura como mediador e facilitador no processo de transmissão e transformação de conhecimentos.

A mediação não é simplesmente um ato de instrução coordenado por propostas voltadas para motivação ou estímulo por parte do professor. De forma direta ou indireta, busca-se introduzir os sujeitos ao mundo do raciocínio e da subjetividade e nesse contexto os aprendizes tendem a decifrar os enigmas que envolvem o aprender para o futuro profissional, mas também, para os desafios do cotidiano. Quando bem fundamentada pelo professor, a mediação tende a desencadear no aluno bem mais que o desenvolvimento do saber cognitivo, possibilitando-o fazer uso das inovações técnicas sem permitir que o fluxo de informações possa desencadear um processo de ansiedade e sensação de incapacidade.

A produção do conhecimento passou a ser um dos maiores indicadores de desenvolvimento intelectual na atualidade. Partindo desse princípio, o professor, ao atuar como mediador, deve necessariamente desenvolver essa capacidade que poderá servir de referência ao alunado no incentivo à pesquisa, produção e transformação de conhecimento. Outro ponto a considerar é a inovação de metodologias de ensino mais atualizadas que ganha espaço nas instituições de ensino através do acesso a internet. Para tanto, é preciso que o professor tenha capacitação para trabalhar com essa ferramenta e conhecimento sobre a facilidade ou não dos alunos em terem acesso a esse moderno recurso de difusão de informações.

Observa-se que muitas vezes é dispensada ao professor a responsabilidade total referente ao aprendizado do estudante. Porém, é necessário ressaltar que por mais que o processo educativo esteja atrelado ao docente, a construção do saber se faz em um processo mais amplo que envolve diversidades sob os aspectos social, cultural e até mesmo emocional. É preciso considerar as diferenças e ritmo muitas vezes diferenciado de aprendizado dos alunos, seja por um déficit de aprendizado ou por uma questão cultural.

Pensando-se aleatoriamente em alguém que teve acesso ao processo pedagógico educacional totalmente tradicional e passou determinado período afastado do convívio em sala de aula, e ao se imaginar esse mesmo indivíduo voltando ao âmbito escolar, após vinte anos de afastamento, podem-se antecipar os transtornos que essa pessoa irá enfrentar ao deparar-se com as inovações da atualidade. Daí, afirmar-se que a questão cultural é bem relevante tanto no que se refere à dificuldade em sair da zona de conforto e desprendimento do tradicional, assim como, a adaptação ao novo.

Para Pozo (2002, p. 39), “a democratização do saber, embora tenha levado à sua apropriação por parte de algumas elites especializadas, uma espécie de partidos políticos do conhecimento, sem dúvida promoveu o surgimento de pontos de vista distintos, em contínuo contraste”.

Evidencia-se cada vez mais a necessidade de formação adequada dos professores ao uso pedagógico das ferramentas tecnológicas para que possam realizar a mediação em ambientes educacionais informatizados, aliando teoria e prática com a finalidade de atender às necessidades dos alunos. Como se percebe, não é só uma questão de ter acesso às inovações e sim viabilizar o uso dessas no processo de transição de conhecimentos.

O professor, como mediador, é a autoridade designada para edificar a construção do conhecimento, assim como facilitar o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Para tanto, esse docente deve estar atualizado e ser capaz de agir com ética e sabedoria, para que consiga através de um pensamento crítico e reflexivo contribuir para a formação construtivista e também ética de estudantes de maneira geral. Ao abordar a importância do professor como mediador do conhecimento, Facci (1998, p. 26) faz a seguinte constatação:

O professor contribui para a aprendizagem e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do aluno. Ele tem uma função mediadora que é realizada a partir de ações intencionais, conscientes, dirigidas para um fim específico de propiciar a instrumentalização básica do aluno de modo que permita que este conheça, de forma crítica, a realidade social e que, a partir deste conhecimento, haja a promoção do desenvolvimento individual.

Segundo esse autor, o processo de mediação se faz de forma planejada, considerando também o contexto social onde ocorre o aprendizado. É importante lembrar que o professor não deve se limitar a assumir papéis de mero reprodutor dos saberes, pois está atrelado ao seu papel de mediador, também, a importante função de pesquisador.

2.2 Relações professor-aluno: Novas perspectivas

Tornar-se professor é um processo que exige muito estudo, tanto pela necessidade de conhecimentos específicos relacionados à docência, quanto pela necessidade de desenvolver competências e habilidades relativas ao ambiente no qual se dá o processo educacional. Observa-se, atualmente, uma maior integração entre os eixos da teoria e da prática e nesse contexto destaca-se um novo paradigma a ser analisada onde a ênfase dada ao papel do professor como mediador ou transmissor do conhecimento ganha novo enfoque.

A aprendizagem, sob essas novas perspectivas, passa a considerar que dificuldades de aprendizado podem estar relacionadas à metodologia de ensino utilizada pelo professor, mas podem também ter relação com o relacionamento afetivo entre professor e aluno. Nessa interação, o professor tem a difícil missão de despertar no aluno o desejo de aprender. Por conseguinte, a função do professor está além de transmitir um saber para o aluno, devendo ser considerada como uma atividade complexa em função da necessidade de poder influenciar o

comportamento dos alunos. Estudo realizado aponta que normalmente os alunos têm melhor desempenho em disciplinas nas quais têm um bom relacionamento interpessoal com o professor.

Sabe-se que o ser humano tem capacidade de selecionar, assimilar e processar as informações, atribuindo a elas significados que são proporcionais ao grau de importância que a elas é atribuído. A sala de aula é um espaço sociável e também um espaço privilegiado onde se pode propor a idéia de um conhecimento mediado e interligado em um processo em que aluno e professor partilham opiniões, conceitos, definições e, sobretudo experiências. É, portanto, um lugar de debate, produção e atualização de novos sentidos conferidos à educação. Nesse ambiente, as atitudes do professor poderão interferir diretamente na reação dos alunos, pois muitas vezes esse profissional é tido como modelo a ser seguido.

Dentro dessa linha de argumentação, um professor autoritário e dominador que não se permite construir um vínculo com os alunos poderá incentivá-los mesmo indiretamente a assumir comportamentos semelhantes aos dele, criando um ambiente de desarmonia e de dificuldades para o aprendizado. Kupfer (1997, p.91) chama a atenção para a importância do professor como referencial para o aluno ao fazer a seguinte observação: “[...] a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor.”

Muitas vezes, na sala de aula, os alunos tendem a aproximar-se uns dos outros com o objetivo de buscar ajuda pedagógica para resolver uma situação problema. Nesse momento, porém, o professor poderá incentivá-los a desenvolver relações de amizade que poderão ultrapassar as barreiras da sala de aula, onde verdadeiros laços de afinidade poderão agregar novos valores à vida desse aluno. O fator afetivo, no entanto, não envolve somente a relação de alunos entre si, pois para que a aprendizagem possa fluir com mais facilidade deve se considerar o bom relacionamento entre professor e aluno.

Nota-se que alguns professores exercem a docência de forma extremamente fria, distante e até mesmo arrogante mantendo-se inacessível em seu lugar de autoridade. No entanto, há muito tempo sente-se a necessidade de desenvolver-se um trabalho pautado no aprendizado mútuo, onde o professor esteja disposto a abrir mão de seu autoritarismo e passe a considerar e respeitar os conhecimentos dos alunos, permitindo assim ampliar seus próprios conhecimentos.

No limiar de um novo século, surge uma maior consciência sobre a relevância das relações afetivas entre alunos e professores, permitindo a construção de um novo modelo de educação. O ensino-aprendizagem é um processo que envolve diretamente o relacionamento humano onde professor e aluno têm implicações que delineiam comportamentos e atitudes voltados para o melhor desenvolvimento do aluno. Fala-se muito em construtivismo, porém ao adotar uma visão construtivista, é necessário que o professor tenha o cuidado de planejar suas aulas considerando uma abordagem prévia sobre o conhecimento que o aluno detém sobre o conteúdo a ser discutido, pois dessa forma será possível desempenhar um processo educativo eficiente. Sobre esse tema, Fernández (2001, p.40) afirma que:

Quem ensina oferece-se como modelo identificatório. Não se aprende por imitação, querendo fazer o mesmo que o outro faz. Aprende-se querendo parecer-se com quem nos ama e com quem amamos. Precisamos querer parecer-nos com o outro, que esse outro nos aceite como semelhante, para podermos desejar diferenciamos dele, com menos culpa ou, melhor ainda, podendo elaborar a culpa por diferenciarmos.

O aluno precisa tornar-se consciente de sua responsabilidade enquanto sujeito fundamental no âmbito do processo ensino-aprendizagem e, dessa forma, adotar uma postura que possa valorizar sua atuação de forma cooperativa. É importante lembrar a necessidade de um trabalho de cumplicidade onde o aluno esteja disposto a atuar junto ao professor e de buscar com ele novos caminhos que possibilitem a descoberta de alternativas que possam sanar problemas que surgem na sala de aula entre professores e alunos. Considera-se que a prática educativa é de grande significado na formação do educando como um cidadão crítico.

Percebe-se hoje dentro da universidade que, de forma impactante, manifestam-se através de discursos constantes, as inquietações, indagações e reflexões relacionadas à ação educativa para viabilizar melhoria no relacionamento interpessoal professor-aluno. Sabe-se que dificuldades desse tipo, podem desencadear problemas para o desenvolvimento do aprendizado e principalmente da sistematização e construção do conhecimento.

É reconhecido que ser professor é uma tarefa que requer amor, disposição, competência, habilidade e sabedoria, pois na atualidade o papel do educador é bem mais amplo. Mesmo diante de tanto avanço tecnológico, a interação social exerce função fundamental para que se trabalhe no educando a capacidade de ser inserido nesse mercado competitivo com maiores oportunidades de adaptação. Se ao papel do professor no processo

educativo está atrelado às pesquisas científicas a fim de aprimorar sua prática pedagógica, ao aluno cabe a missão de desempenhar papéis que o permita ser reconhecido por atitudes responsáveis e voltadas ao seu próprio processo de aprendizagem.

A concepção de “fazer” e “saber fazer”, ajustada ao atual momento em que vive a escola, propõem ao professor uma atitude centrada no desenvolvimento de saberes inerentes a uma formação mais sólida e apropriada às tendências educacionais do século XXI. A educação não é algo estático, pelo contrario, ela acontece em um mundo de diversidade que considera as condições socioculturais de cada sociedade, onde os sujeitos participam do processo considerando os princípios morais e éticos no contexto no qual estão inseridos. Dessa forma, professores e alunos apresentam interesses em um objetivo pautado em uma relação democrática de troca de conhecimento e experiências. Harper (1985, p.107) evidencia a importância da escola inovadora ao afirmar que:

De fato, pouco a pouco, as coisas se movem, se evoluem se transformam. A escola - como a fábrica, como a família, como o hospital, como a sociedade toda - não existe como uma coisa fixa, parada, imutável. A escola de hoje, apesar de todos os seus defeitos e deformações, não é mais a estática nem intocável.

É importante lembrar que a interação entre alunos e professores resulta da necessidade de ampliação de estratégias destinadas a elevar o índice de aprendizado, considerando a relevância da mesma para o aprendizado na vida e para a vida. Em todos os lugares, a educação depara-se com grandes desafios e dificuldades, estejam esses relacionados à metodologia de ensino aplicada, a qualidade da formação de docentes, instalações físicas das instituições de ensino e até na pré-disposição do aluno para inovações, e nessa nova dimensão de ensino considera-se o potencial questionador e crítico dos alunos.

Quando a aprendizagem envolve dimensão afetiva e intelectual torna-se mais duradoura e sólida e nessa realidade, cabe ao professor, dialogar e propor ao alunado um relacionamento voltado para uma melhor qualidade de ensino e capacidade de aprendizado. O professor tem ainda a missão de proporcionar um clima favorável à concentração do aluno. Alguns professores ainda insistem em aulas tradicionais, o que na maioria das vezes dificulta o relacionamento com seus educandos, pois ao considerarem-se donos do saber e da verdade absoluta acaba transmitindo ao aluno uma postura arrogante.

Ao agirem assim, esses professores edificam uma barreira que impede o acesso dos alunos, desperdiçando assim a chance de desenvolver laços afetivos nos quais prevaleçam o respeito ao conhecimento. Há outra limitação a destacar; afinal ninguém detém todos os conhecimentos, mas todos ganham quando aprendem a trabalhar em equipe e com harmonia. Ao ressaltar a importância dessa integração, Alves (1993, p.100) faz a seguinte observação: “se os professores entrassem nos mundos que existem na distração de seus alunos eles ensinariam melhor. Tornar-se-iam companheiros de sonhos e invenções”.

Sabe-se que a idéia de escola pressupõe um espaço destinado à construção, transformação e descoberta de conhecimento e saberes indispensáveis à inserção social. Contudo, é importante lembrar que a escola é também um local de integração que busca nortear os alunos a descobrir caminhos onde possam aprender e vivenciar com os seus semelhantes, lições que não poderiam aprender a resolver sozinhos. É necessário ao professor descobrir caminhos que lhe permita ir ao encontro do aluno e do conhecimento que proponha o ‘saber’ significativo para a sua realidade, onde as habilidades e competências a serem desenvolvidas possam influenciar de maneira significativa na prática do saber-fazer.

3. FORMAÇÃO CONTINUADA

A realidade educacional na sociedade pós-moderna propõe profundas mudanças no processo de formação de professores, e nesse novo contexto, um dos principais temas questionados é formação continuada de docentes que por ser bastante complexo é alvo de diferentes abordagens. As novas tendências de formação continuada, de acordo com as proposições de Nóvoa (1998), ressaltam a importância do acúmulo de conhecimentos, bem como os anseios de cada profissional docente onde se reconhece que não se pode pensar em formação continuada sem pensar as peculiaridades e a realidade na qual o indivíduo está inserido.

Para Nóvoa (1998), existem grandes diferenças entre os anseios e necessidades entre os docentes que se encontram na fase inicial, os que já adquiriram uma considerável experiência pedagógica e aqueles que já se encaminham para aposentadoria. Sabe-se que a escola não funciona como espaço de aprendizado somente para o aluno; na verdade, é um local também propício ao aprimoramento profissional docente que através de sua prática tem a oportunidade de realizar descobertas e reestruturar saberes voltados para a melhoria de sua qualificação e profissionalização enquanto docente atualizado.

Nos tempos atuais, a formação profissional de docentes é um tema que está em evidência e embora existam controvérsias em relação sobre quem recaem responsabilidades por essa profissionalização, se as instituições de ensino ou ao docente. É fundamental, no entanto, que haja condições propícias tanto para a qualificação como para uma capacitação voltada ao desenvolvimento do corpo docente, quer seja numa abordagem individual ou coletiva. Ser docente do ensino superior é fazer a diferença, pois a docência universitária requer muito mais que conhecer ou ensinar. Nessa missão tem êxito quem consegue promover transformações adaptáveis ao contexto social atual.

Não é segredo que os desafios inerentes ao ofício do professor sempre existiram. Porém, em resposta às demandas produzidas pelo contexto social atual, surgiram necessidades específicas voltadas para a reflexão e a análise de práticas pautadas na inovação. A tendência dessa “reflexão” difere muitas vezes da realidade na qual o professor iniciou e “aprendeu” o ofício, onde tradicionalmente ensinava e o aluno deveria aprender; em uma realidade que não

havia espaço para debates, pesquisas, assim como faltava o elo de amizade que se faz tão necessário e presente na atualidade.

Segundo Perrenoud (2002, p. 20), “o profissional reflexivo deve, acima de tudo, ser capaz de dominar sua própria evolução, construindo competências e saberes novos ou mais profundos, a partir de sua aquisição de conhecimentos e de sua experiência”. Essa observação reflete a responsabilidade do próprio docente com a sua formação. Vale lembrar que mesmo sendo o docente responsável direto por sua formação, as instituições devem observar se estão sendo proporcionadas tanto a professores quanto aos alunos, as condições favoráveis às pesquisas e descobertas científicas, capacitação necessária à competitividade com a qual se convive hoje e também ao desenvolvimento de relações afetivas fundamentais na atualidade.

Sabe-se que as transformações surgidas com os anseios da sociedade pós-moderna refletem diretamente na postura adotada por professores para suprir a necessidade de ações voltadas para prática educativa centrada na ação. Essa deve ser a proposta a ser adotada por docentes conscientes da necessidade de uma formação continuada aliando teoria e prática necessárias ao exercício da docência. “Considera-se o professor com ‘um sujeito epistemológico’, capaz de gerar e contrastar teorias sobre a sua prática” (GARCÍA, 1999 p. 47).

Diante das diversas transformações pela qual passa a sociedade brasileira, é importante destacar a crise no sistema educacional, que se agrava de forma descompassada e acaba propondo um novo perfil de formação que esteja apta a atender a determinadas necessidades ou demandas sociais. No âmbito das novas exigências do mundo contemporâneo acentua-se a necessidade de uma formação que possibilite aos docentes ações críticas e reflexivas apropriadas aos desejos de indivíduos do século XXI.

Torna-se necessário ao docente intensificar o conhecimento através de pesquisas voltadas para áreas de práticas educacionais que apontem as reais carências a serem supridas por esses educadores. Para que a formação dos professores não aconteça de forma inapropriada ou insuficiente, deve-se considerar que a profissão docente é caracterizada pela produção do saber prático construída no dia a dia por educadores através de sua atuação voltada para as necessidades de aprendizagem de seus alunos e também pelos conhecimentos teóricos que os docentes conseguem assimilar no decorrer de seus próprios estudos.

Dessa forma, os professores quebram paradigmas, rompem com o tradicional e se permitem redimensionar sua formação, pois o processo de desenvolvimento profissional dos professores acontece de maneira articulada e continuamente, considerando as necessidades do âmbito escolar e social como elementos decisivos em sua proposta de formação continuada.

As atividades do professor não mais se limitam a “ensinar” conteúdos teóricos, eles são convidados a ampliar seu campo de ação e assim passar a conviver mais com os alunos envolvendo-se socialmente com a comunidade e o cotidiano escolar e nesse contexto participar também da elaboração, desenvolvimento e execução de projeto e atividades pedagógicas extracurriculares. A docência requer do professor, atuação voltada para a formação de cidadãos críticos, éticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa.

A escola é reconhecida como o local destinado ao aprendizado do aluno. No entanto, percebe-se aí uma visão equivocada, pois os debates, a interatividade e a troca de conhecimentos comuns entre formadores e formandos no atual modelo educacional acabam permitindo ao professor também usufruir desse espaço em prol de seu próprio aprendizado.

Sabe-se que a formação inicial dos docentes deixa muito a desejar, pois além da falta de experiência para a condução adequada das atividades na sala de aula, faltam ainda a habilidade e o discernimento para reconhecer que conhecimento científico e que outros temas devem ser abordados em suas aulas.

A Formação Continuada não é um processo que deva ser realizado sem planejamento ou aleatoriamente, ao contrário, ela se dá paulatinamente e considera aspectos referentes à necessidade do profissional e do contexto social no qual o mesmo está inserido. É necessário compreender que o processo de formação proposto aos docentes é algo que tende realmente a se desenvolver de forma contínua ao longo de sua carreira.

Sabendo-se que a educação é um dos pilares fundamentais ao desenvolvimento sustentável, torna-se necessário aos professores buscar uma formação que seja propícia a sustentabilidade e que os instigue a pensar para além das salas de aula em um compromisso voltado para o aprendizado sustentável e para a melhoria da qualidade do ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) explicita que cabe às universidades a formação continuada de qualidade destinada aos professores para todos os níveis da educação o que

realmente vem se cumprindo na prática em nosso país. É verdade que algumas instituições se orientam mais pelos interesses econômicos, deixando de lado preocupações com as dificuldades vivenciadas pelos professores. Porém, já é um progresso a ênfase que está sendo dispensada a importância dessa formação como também é importante comentar sobre a formação continuada oferecida no modelo de Educação a Distância-EAD que está ganhando bastante espaço e valorizando cada vez mais os recursos propostos pela tecnologia.

É interessante observar o grau de importância que a formação continuada está conquistando, pois assim se percebe que essa preocupação chega a atingir a própria comunidade acadêmica bem como a preocupação com a formação docente. A Formação Continuada propõe uma reflexão crítica voltada para a conscientização do docente em fortalecer o compromisso assumido com as instituições de ensino. Deve, principalmente, voltar-se para o aluno visando elevar o processo de aprendizado a um padrão elevado, atual e interativo onde todos se integram em busca de resultados positivos. Nesse aspecto, considera-se, também o desenvolvimento pessoal, ético, cognitivo e afetivo dos docentes. Almeida (2005, p.3) ressalta a relevância da interação e parceria entre docente, discente e ação pedagógica, ao afirmar:

Trata-se de uma perspectiva colaborativa, que valoriza o próprio docente e seus parceiros, ao possibilitar que os professores se constituam como sujeitos de suas práticas, analistas do contexto em que atuam, articulando os conhecimentos teóricos com as dinâmicas sociais e as necessidades de aprendizagem de seus alunos.

Um dos tipos de formação continuada muito utilizado na atualidade é a abordagem denominada colaborativa que se caracteriza pelas atividades desenvolvidas em grupo. Nessa vertente existe uma interação muito ampla que envolve a coordenação das instituições e o corpo docente, e as decisões sobre a formação apropriada ao grupo são propostas considerando-se a necessidade da coletividade e não o que almeja cada professor individualmente.

Propõe-se ao professor desse novo tempo desenvolver-se, também, através de sua participação na organização e gestão da escola, no desenvolvimento de projetos pedagógicos bem como estimular a prática de pesquisa, como forma de complementação dos conhecimentos adquiridos na formação inicial. Ao se romper com o mito de que lugar de professor é só na sala de aula, é possível desenvolver simultaneamente um importante

trabalho intelectual aliado ao desenvolvimento pautado no aprender para a socialização do conhecimento e responsabilidade social.

Um dos fatores essenciais á formação continuada é o reconhecimento de que existe algo que precisa ser aprimorado constantemente, mas para que isso ocorra é necessário questionar, avaliar e assim descobrir as limitações que devem ser superadas. Percebe-se, então, que se acentua cada vez mais a importância conferida aos professores e a sua formação com o objetivo de subsidiar a busca pela melhoria da qualidade do ensino para que o professor possa aperfeiçoar sua prática pedagógica. Em sua maioria, os professores saem das universidades com rico embasamento teórico e uma importante carência de experiência na vivência prática, o que contribui para a decadência de qualidade do ensino no âmbito escolar e reforça a necessidade de formação direcionada para que os professores possam se sentir mais preparados para atuar em sala de aula.

São cada vez mais constantes os debates, intensos e emocionantes, voltados para a necessidade de uma política nacional de formação continuada que possa elevar o perfil educacional dos docentes, considerando os diferentes níveis e modalidades de ensino adequadas às novas demandas do dinâmico contexto político, econômico e social do século XXI.

O próprio perfil profissional que se espera de profissionais docentes está pautado no comprometimento em promover atitudes de cidadania e despertar em seus alunos uma consciência crítica, reflexiva, alicerçada na ética e voltada para a construção de uma sociedade participativa. Hoje, os vários segmentos sociais estão mais ativos e, portanto, requer dos educadores uma formação bem mais ampla e consistente.

Entende-se por formação continuada aquela que ocorre após a formação inicial (magistério em nível superior, licenciatura, bacharelado) que possibilita a continuidade na formação do professor a partir do ingresso na carreira do magistério e que envolve treinamento constante e uma busca permanente por capacitação atualizada.

A qualificação do pessoal docente constitui-se como um dos maiores desafios para o Plano Nacional de Educação (PNE), havendo necessidade do poder público precisa se organizar e dedicar ações que priorizem a solução do problema. A implementação de políticas públicas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação torna-se importante,

especialmente, quando se considera que elas podem ser determinantes no avanço científico e tecnológico, um atributo que gera o desenvolvimento do país.

A valorização do magistério, de acordo com o PNE, implica, pelo menos, em serem atendidos os seguintes requisitos:

1. Uma formação profissional que assegure o desenvolvimento da pessoa do educador enquanto cidadão e profissional, o domínio dos conhecimentos objeto de trabalho com os alunos e dos métodos pedagógicos que promovam a aprendizagem;
2. Um sistema de educação continuada que permita ao professor um crescimento constante de seu domínio sobre a cultura letrada, dentro de uma visão crítica e da perspectiva de um novo humanismo;
3. Jornada de trabalho organizada de acordo com as demandas dos alunos de um único estabelecimento de ensino e que inclua o tempo necessário para as atividades complementares ao trabalho em sala de aula;
4. Salário condigno e competitivo, em função dos valores definidos no mercado de trabalho, tendo em função dos valores definidos no mercado de trabalho, tendo como referencial outras ocupações que requerem nível equivalente de formação;
5. Compromisso social e político com as ações do magistério.

O PNE estabelece, ainda, que a formação inicial dos profissionais da educação básica deve ser responsabilidade, principalmente, das instituições de ensino superior, nos termos do art. 62 da LDB, considerando que as funções de pesquisa, ensino e extensão e a relação entre teoria e prática podem garantir o patamar de qualidade social, política e pedagógica que se considera necessário.

Ao suscitar o desejo de continuar aprendendo, o docente tende a expandir o seu campo de trabalho. Todo e qualquer projeto elaborado e desenvolvido para promover a formação continuada, quer seja desenvolvido pelo PNE ou não, certamente estará fadado ao fracasso se o profissional docente não compreender que na formação continuada o professor tem a oportunidade de construir e reconstruir saberes que lhe possibilite se firmar nessa

profissão. Percebe-se que a formação continuada dos professores, não depende, apenas, dos programas oficiais e das propostas de governo mais também do próprio interesse do docente. Para Demo (1993, p. 13), a superação da habilidade didática e pedagógica compreende profundas mudanças, e assim:

O que se espera do professor já não se resume ao formato expositivo das aulas, a fluência vernácula, á aparência externa. Precisa centrizar-se na competência estimuladora da pesquisa, incentivando com engenho e arte a gestão de sujeitos críticos e autocráticos, participantes e construtivos.

A formação de professores induz a uma reflexão sobre a proposta de agregar outros valores que possam formar homens para uma sociedade onde a educação tenha como eixo norteador a inclusão e onde o professor possa atuar com sensibilidade, justiça, e igualdade. Partindo desse princípio, o docente do século XXI necessariamente estará integrado, podendo adaptar-se as inovações o que só se torna possível quando o mesmo se reconhece como “pessoa” em fase de crescimento que só poderá desenvolver-se se “alimentando” diariamente.

Nesse contexto, o alimento é o próprio saber que oriundo de estudos constantes irá fortalecer e alimentar a ação pedagógica que permite ao professor tornar possível a construção de novas teorias, bem como revisão de conceitos e, até mesmo, uma mudança de postura que o caracterize como um profissional mais humano, flexível e preparado para enfrentar os desafios impostos pela complexidade da interação com a prática.

Faz-se necessário ao professor construir ou reconstruir o seu caminho considerando sua necessidade de desenvolvimento pessoal e profissional, haja vista que a formação continuada tende a proporcionar uma integração entre os alunos, professores e a gestão que se fundamente na busca, descoberta e análise de perspectivas voltadas para ações e construções de conhecimentos adquiridos em sala de aula que possam refletir na sociedade como um todo.

Observa-se, então, que, além da experiência profissional articulada à área de formação específica, a formação continuada possibilita ao professor a capacidade de trabalhar com as diversidades regionais, políticas e culturais existentes, como foi mencionado anteriormente. Além do mais, busca promover a educação inclusiva e contextualizar buscando oferecer soluções necessárias aos sistemas educativos. Nóvoa (1992, p.27) faz referência ao maior desafio da educação na atualidade:

Valorização de paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas.

É necessário reconhecer que o caráter individual e social evidenciado pela prática docente está diretamente relacionado. Portanto, deve-se levar em conta e compreender que a construção de uma ação educativa bem sucedida só ocorrerá se for considerado o contexto onde os professores exercem o magistério, onde emergem as discussões e reflexões que podem propiciar aos docentes e discentes a oportunidade de aprender através da prática.

A formação continuada permite ao docente adquirir a capacidade necessária para atuar com segurança e dominar os conteúdos propostos em cada matéria, porém, tão importante quanto o conteúdo a ser ministrado é a forma como esse conteúdo será exposto. Sabe-se que muitos são os estudos e pesquisas realizados sobre a formação continuada de professores e que muitos são os fatores que implicam mudanças centradas na formação de professores capazes de atuar nesse cenário. O importante é as políticas educacionais que tenham como principal meta preparar cidadãos capazes de conviver e trabalhar com a complexidade da pós-modernidade.

Torna-se imprescindível ao professor reconhecer que seu desenvolvimento profissional ocorre durante sua vida e esta referência orienta o professor a fundamentar e melhorar sua prática o que conseqüentemente estimula a produção de conhecimento. Oriundos desse conhecimento dinamizado surgem as diversas linguagens e expressões culturais diferenciadas, onde se manifesta também e de forma marcante, a construção de laços afetivos que impõem uma nova característica à educação que se apresenta pautada na sensibilidade e na realidade individual dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Percebe-se na atualidade a necessidade de romper com a concepção equivocada de que o acúmulo de certificados e diplomas de cursos realizados seja suficiente para formar bons professores. É importante enfatizar que, na profissão docente, as experiências envolvendo relações humanas são poderosas influências no processo contínuo de formação. Estudos realizados apontam que a forma de atuar em sala de aula, além de ter como base o conhecimento do conteúdo da disciplina e da metodologia de ensino, considera também as vivências pessoais de professores, as quais acabaram influenciando tanto na decisão de

tornarem-se professores quanto na busca constante do aperfeiçoamento no ensino e aprendizagem profissional.

Torna-se fundamental lembrar a necessidade de formação de professor voltada ao desenvolvimento objetivo onde suas convicções, sua forma de pensar e se relacionar com o conhecimento irá refletir no processo de manipulação e transmissão desse conhecimento. Ao discorrer sobre a formação do professor, Gatti (1996, p.88) ressalta que

[...] é uma pessoa de um certo tempo e lugar. Datado e situado, fruto de relações vividas de uma dada ambiência que o expõe ou não a saberes, que podem ou não ser importante para sua atuação profissional. [...] Os professores têm sua identidade pessoal e social que precisa ser compreendida e respeitada: com elas é que se estará interagindo em qualquer processo de formação de base ou continuada e nos processos de inovação educacional.

Atualmente, anunciam-se diversas medidas voltadas para a expansão da formação continuada de docentes, pois a carência de pessoal docente qualificado tem se constituído num dos principais assuntos que permeiam pelo campo educacional. Para superar essa limitação, é preciso o provimento de professores dotados de uma qualificação que seja adequada à atual complexidade do mercado de trabalho, o qual se encontra cada vez mais competitivo. Ressalta-se que já existem ofertas formativas diversificadas e até mesmo peculiares para campos específicos, embora as propostas de formação ainda sejam muito reduzidas considerando a importância dessa estratégia.

Sabe-se que o professor não deve se privar do estudo permanente, pois se manifesta nitidamente o descompasso entre a formação do profissional e as exigências do mundo moderno. Esse profissional deve estar consciente que a formação proposta pelos cursos de graduação não é suficiente para lhe permitir atuar na profissão de maneira eficiente por toda a vida, principalmente, considerando-se que a realidade se modifica constantemente.

Ressalta-se que a formação continuada está diretamente associada ao processo de melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores e a descontinuidade desse processo poderá acarretar grandes prejuízos para a educação. Necessário se faz disseminar continuamente a idéia de que o curso superior só irá proporcionar resultados satisfatórios à carreira docente se for somado aos saberes científicos e técnicos, os conhecimentos provenientes das experiências acumuladas no cotidiano através da prática.

Deixar de estudar é parar no tempo e conseqüentemente se privar do direito de concorrer de forma justa a um espaço no mercado de trabalho. A concorrência requer cada vez mais especialização por parte dos docentes, o que os instiga a buscar a excelência saindo de sua zona de conforto e atuando com inovação, buscando novos conhecimentos e o mais importante adequando esses conhecimentos à realidade dos alunos.

Ao propor problemas aos alunos e estimular a busca por soluções, o professor assume o papel de investigador, pesquisador e orientador, estimulando o aluno a trabalhar de forma independente e auxiliando assim sua aprendizagem e desenvolvimento. “O homem, aos poucos, foi substituindo o seu atuar empírico ou caprichoso por um atuar baseado em causa e efeito, bem como auxiliado por instrumentos que tornassem a sua vida mais produtiva, econômica e eficiente”, conforme afirma Nérici (1973, p.9).

É ilusório imaginar que processo de ensino-aprendizado na atualidade ocorre simplesmente através da exposição de conteúdos que são repetidos sem considerar as verdadeiras necessidades dos alunos. Alguns professores acreditam estar aptos a atuar como mediador em um processo amplo e diverso, mas é preciso que se apropriem e construam seus conhecimentos, de maneira a possibilitar a sua profissionalização e o seu aperfeiçoamento constante considerando a realidade em que irão atuar.

3.1 Didáticas inovadoras na reconstrução da identidade do professor universitário.

Observa-se a precariedade da preparação de professores para o ensino superior em diferentes países, o que acentua a necessidade de uma formação que seja capaz de qualificar um profissional para atuar com base em um ensino inovador e transformador.

Diante dessa realidade, entre as várias responsabilidades dispensadas ao ensino superior, cabe-lhe ainda a missão de formar profissionais críticos e reflexivos, aptos a viverem em um mundo de constantes transformações. Por essa razão, as entidades de ensino superior devem estar capacitadas para disseminar novos conhecimentos e habilidades que sejam voltados para qualificar um professor que seja capaz de buscar soluções lógicas e racionais para os problemas técnicos e científicos da atualidade. É preciso considerar, também, os

aspectos éticos e afetivo-emocionais que surgem diariamente como desafios a serem superados no âmbito educacional.

A profissão docente é marcada por alguns preconceitos que se manifestam em um momento ou outro, levando algumas pessoas ainda a acreditar que para ser professor é suficiente conhecer o conteúdo a ser ministrado, ou ter somente vocação e experiência. Embora se reconheça que algumas dessas características sejam indispensáveis ao docente, é importante ressaltar que elas devem ser postas em prática mediante sua necessidade, e no momento certo. Vale lembrar que a proposta da escola é formar pessoas autônomas e capazes de desenvolver-se e ajustar-se ao mundo em que vivem. Ressalta-se, ainda, que a educação não aceita o preconceito que se mostra incompatível com um bom processo de aprendizado.

O processo de formação continuada como fator extremamente relevante na reconstrução da identidade docente ainda é percebido como mais um programa sobre o qual permeia muita discussão e pouca ação. O fato é que projetos ou programas desenvolvidos para esse fim devem ser realmente permanentes independentes das dificuldades e dos problemas surgidos durante o processo. Na formação continuada, a pesquisa deve ser concebida como um dos pontos de apoio fundamental à prática docente em razão das diferentes realidades com as quais o docente convive e que lhe permite assim ampliar o campo de visão para dimensões desconhecidas e, muitas vezes, mais complexas do que aquelas com as quais se depara.

As mudanças ocorridas no cenário brasileiro sejam elas econômicas sociais ou políticas, têm se refletido nas reformas educacionais, que têm redirecionado o exercício profissional propondo estratégias voltadas para a formação de profissionais da educação. Devem ser apoiadas numa política que busque a valorização do trabalho docente, onde se manifeste um olhar mais cuidadoso para a formação complexa deste profissional nos tempos de hoje. Neste aspecto, precebe-se a necessidade de sondar sobre o papel da Didática na construção ou reconstrução da identidade do professor universitário

A contribuição da Didática, na formação de professores, baseia-se numa integração de saberes, onde estão envolvidos conhecimentos científicos, pedagógicos e práticos e nesse contexto é importante definir tanto o conteúdo da aula como no modo como este serão expostos. A ação didática não se resume a uma atitude isolada voltada para a prática educacional, pelo contrário, traduz-se em um conjunto de fatores ou elementos que norteiam o pensamento e as atividades de professores e alunos.

Ao compreender como funciona a ação didática, torna-se mais fácil entender, também, a importância de sua relação multidimensional, seus desafios e perspectivas para uma formação inovadora e comprometida com o desenvolvimento de profissionais reflexivos e conscientes de seu papel como articulador das múltiplas facetas do conhecimento. A busca pela qualidade de ensino, tão questionada pelos educadores e pelas políticas públicas, está diretamente atrelada à Didática e à formação de professores, não sendo possível tratar esses dois temas isoladamente.

Em termos de didática, pode-se dizer que os professores universitários se deparam constantemente com vários conflitos relacionados aos métodos e técnicas de ensino, bem como a necessidade de se resgatar a credibilidade da Pedagogia, lembrando que o bom professor precisa ser capaz de refletir sobre a educação em sua totalidade. O mundo contemporâneo exige dos sujeitos uma formação que envolve raciocínio lógico, criatividade, espírito de investigação, capacidade produtiva e vivência de cidadania plena. Por essa razão, a didática é tão relevante nesse processo de transmissão, construção e reconstrução do conhecimento. Sob essa ótica, a Didática define a ação dos sujeitos envolvidos em determinado tempo e espaço considerando as relações estabelecidas.

Acredita-se que os docentes do ensino superior possam desenvolver um trabalho de qualidade, considerando que têm a missão de formar ou proporcionar a possibilidade das pessoas de formarem-se, mas como profissionais tendem a buscar sua própria formação. Paulo Freire (1993, p. 35-36) aborda a necessidade de se tornar uma posição diante das constantes mudanças pelas quais permuta o fazer pedagógico, ao afirmar:

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio [...]. Desde logo, qualquer busca implica, necessariamente, numa opção. Opção pelo ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada em que o homem simples minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo. Ou opção pelo amanhã, por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos da História. [...] A opção teria de ser também entre uma “educação” para a “domestificação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade

A sala de aula é o espaço onde se percebe a manifestação do processo didático em que professores e alunos articulam o conhecimento, ensino e aprendizagem em busca de novas perspectivas através da didática aplicada. Além de um bom nível de conhecimentos sobre a área em que pretende atuar, o professor também deverá ter habilidades pedagógicas

necessárias para propor uma aprendizagem alicerçada no uso de recursos inovadores de maneira eficaz.

Considerando a multiplicidade de atividades desenvolvidas por docentes onde se destaca pesquisa, o planejamento, as avaliações e o próprio ato de lecionar e sua relação com as mudanças que se percebe no mundo contemporâneo, acentua-se a necessidade de uma capacitação técnica (pela necessidade de utilização das inovações tecnológica) como recursos didáticos, como também uma preparação centrada nas diferenças e nas questões relacionais como um todo.

É através da Didática que professores ministram aulas mais dinâmicas, criativas, eficientes ou tradicionais e cansativas. Promover o acontecimento de aula show, memorável e inesquecível ou não, está diretamente relacionado ao recurso didático utilizado pelo professor e sua capacidade em ‘manusear’ esse recurso.

O sujeito-professor em sua prática evidencia saberes vinculados ao conhecimento técnico, científico, e oriundos de suas experiências, que aliados à didática enfatizam não somente o ensino, mais também e principalmente a aprendizagem sua e dos alunos. A Didática da atualidade considera o grau de autonomia apresentada pelos alunos, a qual é manifestada através de sua capacidade de solucionar problemas, desenvolver seu potencial e sua capacidade de desenvolver-se como ser pensante e cidadão crítico. Observa-se também, a necessidade de comentar sobre um tema que tem se destacado entre os vários estudos que envolvem a educação de adultos: A Andragogia, que é caracterizada pela participação dos alunos, pela flexibilidade e pelo foco no processo, ao invés da ênfase no conteúdo.

A Andragogia fundamenta-se em cinco princípios:

1. Conceito de aprendente, no qual o aluno se autodirige, ou seja, é responsável pela sua aprendizagem.
2. Necessidade do conhecimento, ao saber o que quer e valoriza a necessidade de aprender um determinado conhecimento.
3. Motivação para aprender, que ressalta tanto as motivações externas (melhor trabalho, aumento de salário) quanto as motivações internas (auto estima, reconhecimento, autoconfiança).

- 4 O papel da experiência, ou seja, as experiências prévias devem ser aceitas como fontes de recursos a serem valorizados e partilhados, servindo de base para a formação.
- 5 Prontidão para o aprendizado, em que o adulto está pronto para aprender aquilo que decide aprender. Sua seleção de aprendizagem é natural e realista, além disso, sua retenção tende a decrescer quando percebe que o conhecimento não pode ser aplicado imediatamente.

Ao utilizar o modelo andragógico, acredita-se que a prática docente universitária tende a melhorar muito. Contudo, vale lembrar que essa não é uma visão generalizada e existem divergências. Usando do discernimento próprio ao homem, cabe-lhe o direito de tomar por base esses princípios ou não. Quando o processo didático utilizado busca contemplar a realidade vivenciada por professores e alunos, percebe-se que a Didática pode ser fundamentada também em princípios diferenciados considerando valores éticos, humanos, político e social, porém essa prática é rara.

Diferente do que acontece em relação à formação de professores do ensino fundamental e médio, raramente, são feitas abordagens relacionadas à didática utilizada por professores universitários, o que transmite a idéia equivocada de que é algo sem importância. Pura ilusão. Um dos alvos de crítica no que se refere à prática da docência universitária é exatamente a falta de didática, pois é comum encontrar professores que dominam plenamente o conteúdo a ser ministrado, mas não conseguem transmiti-lo de maneira eficiente, ou simplesmente, manter a atenção dos estudantes.

O professor precisa de uma formação adequada no campo da didática, assim como uma atualização de conhecimentos, exigências da modernidade. No entanto, evidencia-se, de forma cada vez mais explícita, o descaso com a importância da didática aplicada ao ensino superior, pois a prioridade está quase sempre voltada aos títulos que esses docentes devem ter (mestre e/ou doutor), e na maioria das vezes, às suas qualificações como pesquisadoras. Nesse contexto, falta tempo, incentivo e estímulo para uma formação pedagógica adequada à demanda educacional do século XXI.

A reestruturação da maneira do professor atuar prima por mudanças em decorrência da influência dos aspectos tecnológicos e sociais, e assim se faz necessário pensar numa nova forma de ensinar e aprender. Castanho (2000, p. 87), ao evidenciar a necessidade de uma

postura diferenciada comenta que se torna necessário, ainda, que os professores passem a pensar-se como “participantes do desvelamento do mundo e da construção de regras para viver com mais sabedoria e mais prazer.”

Sabe-se que a maneira utilizada pelo professor para propiciar a aprendizagem aos alunos se domina Didática e faz parte de um processo que está relacionado ao domínio do conteúdo, mas que considera também a prática didático-pedagógica. Para que a didática seja eficiente é necessário ao professor atualizar os conhecimentos científicos ao longo de sua vida profissional, afinal entende-se que o saber adquirido na graduação ou licenciatura não basta para que se consiga lecionar com eficiência. A formação inicial não satisfaz à necessidade pedagógica da sociedade contemporânea, pois essa precisa estar aliada às tendências inovadoras que exigem teoria e prática, simultaneamente. Ao discorrer sobre a separação da teoria e prática, Saviani (2005, p.163) ressalta que:

A teoria exprime interesse, exprime objetivos, exprime finalidades, ela se posiciona a respeito de como deve ser, que rumo a educação deve ter, neste sentido, a teoria é não apenas relatora da realidade, não apenas explicitadora, não apenas constatadora da realidade existente, mas é também orientadora de uma ação que permite mudar o existente.

Constata-se que, como citado anteriormente, as aulas expositivas ainda são muito freqüentes no ensino superior, onde, geralmente, ainda se concebe como principais práticas didáticas as que incentivam os alunos a “aprender” com base na memorização, e que muitas vezes os impede de descobrir, construir ou reconstruir o conhecimento pautado no aprendizado para o desenvolvimento. O atual contexto social aponta que a Didática é o “estudo do conjunto de procedimentos que visa orientar a aprendizagem do educando mais eficientemente na aquisição de conhecimentos, automatismo, atitudes e idéias”, segundo as proposições de Nérici (1973, p. 33).

Como recursos de ilustração podem ser citados algumas técnicas de ensino que são utilizadas pelos professores e reconhecidos pelos alunos onde se observa várias opções que são disponibilizadas à prática docente.

Aula Expositiva: baseia-se na apresentação oral de um tema pelo professor, sendo que poderão ser utilizados recursos de ensino, como esquemas, gráficos, sinopses, anotadas na lousa ou projetadas com transparências ou slides, entre outros recursos. O sucesso da aula

expositiva depende do professor, pois desde a preparação até o seu desenvolvimento, este deve ter domínio do conteúdo e informações atualizadas, para que o aluno possa assimilar até mesmo os conteúdos mais difíceis. O professor deve comunicar-se com clareza, despertar a atenção dos alunos com os recursos visuais preparados previamente, respeitando o ritmo da turma em relação à participação e avaliando a disposição dos alunos, atenção e participação. Ao final da apresentação devem-se enfatizar as idéias essenciais do estudo.

Debate: é um procedimento de ensino que se apóia na leitura e estudo sobre o assunto que será abordado, para que assim sejam expostas as idéias pelos participantes com a mediação do professor. Deve-se estimular a participação de todos para que possam ser feitas considerações e conclusões para o encerramento da atividade.

Estudo de caso: é um procedimento de ensino, onde se apresentam aos alunos situações reais ou simuladas, relacionadas a um determinado tema, para que os alunos desenvolvam suas habilidades e apliquem seus conhecimentos teóricos a situações práticas. O papel do professor é orientar a análise dos dados da situação apresentada, e na busca de referencial teórico para que a atividade seja desenvolvida.

Seminário: entre as várias formas de trabalho, o seminário é muito utilizado pelos professores do ensino superior. Segundo Carlini (2004), seminário é um evento destinado à socialização de conhecimentos ou de variados aspectos de um mesmo tema, semelhante a um congresso. O seminário se constrói através de pesquisa e deve ser preparado um debate dos pontos convergentes, divergentes ou complementares. Deste modo, pode-se afirmar que o seminário reúne as características do ensino com aquelas da pesquisa e do debate. O professor deve orientar o aluno na escolha da bibliografia, auxiliar na investigação, apresentação e avaliação.

Trabalho em grupos: é um procedimento que dá oportunidade de troca e cooperação entre os indivíduos na realização do trabalho, sendo que a atividade pode ser complementada por uma discussão geral ou debate. O professor deve apreciar o material antes da apresentação à classe, pois caso haja necessidade, deve ser modificado pelo grupo.

Recursos audiovisuais: os recursos audiovisuais devem ser utilizados como suporte às aulas expositivas ou atividade em sala de aula. Esses recursos poderão ser cartazes, fotos, slides, gráficos, filmes, vídeos, transparências, CD-ROM. Todos esses recursos, no entanto, necessitam de instrumentos próprios e condições para serem utilizados, sendo assim, o

professor deve preparar a aula de acordo com a sala de aula, verificando se ela terá as condições necessárias para o desenvolvimento da matéria a ser estudada. Os slides não devem ser utilizados para a escrita e leitura de longos textos, como muitos professores erroneamente fazem. Esse recurso audiovisual deve ser empregado para exibir o esquema do assunto a ser estudado, contendo apenas palavras chaves, que servirão como apoio didático para o professor durante sua aula expositiva. Aulas práticas ou de laboratório: o uso das aulas práticas ou de laboratório como recurso de aprendizagem é de extrema importância para que os alunos possam integrar os conhecimentos teóricos com a prática. Essa forma integrada da teoria com a realidade profissional motiva os alunos.

Ressalta-se que, mesmo diante de tantos recursos didático, é importante avaliar quando e em quais turmas eles devem ser utilizados, pois a eficiência didática do seu uso está diretamente relacionada ao perfil dos alunos e suas particularidades. Sabe-se que a didática se constrói a partir da integração entre a teoria e a prática voltadas para a aquisição de habilidades intelectuais que estejam centradas na formação do aluno. Sobre esse tema, González (1999, p. 27) afirma que:

Parece claro, portanto, que no âmbito pedagógico, a educação se dirige a toda pessoa como globalidade, a todas as suas dimensões, entendendo que não é possível considerá-la por elementos isolados. A educação é intencional e pressupõe uma mudança na pessoa para melhorar e se aperfeiçoar, e, nesse sentido, o processo educativo pode alcançar distintos graus, mas é inacabado em sua pretensão de preparar as pessoas para a vida em sociedade.

Para esse autor, a didática deve sempre ser empregada para atender duas vertentes críticas ligada à educação: aprender e ensinar. Os métodos utilizados, conseqüentemente, farão toda diferença para assegurar que esses objetivos primordiais sejam alcançados.

3.2 As principais competências exigidas para os docentes da nova realidade

Sabe-se que o atual momento de crise e questionamentos pela qual passa a sociedade contemporânea remete à reflexão sobre o perfil do professor universitário e a prática exercida por este, e assim, busca-se sondar as competências necessárias ao exercício da docência na nova realidade. É reconhecido que a pesquisa, a produção científica e a mediação do

conhecimento são partes essenciais da práxis educacional do docente, embora outras funções sejam também atribuídas a esse profissional.

A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, e que rege a Educação Nacional estabelece novas exigências. Uma delas é que a preparação do docente para o magistério superior se dará em cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Mestre e Doutor). Define, ainda que 1/3 dos educadores que ministram aulas em Instituições de Ensino Superior (IES) possuam título de mestre ou de doutor.

A Lei nº. 9394/96, em seu art. 13, estabelece as seguintes incumbências para os professores:

- a) participar da elaboração do projeto pedagógico;
- b) elaborar e cumprir o plano de trabalho;
- c) zelar pela aprendizagem dos alunos;
- d) estabelecer estratégias de recuperação para alunos de menor rendimento;
- e) ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos;
- f) participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação ao desenvolvimento profissional.

Outro fato que merece destaque é a Resolução do CNE/CES 142/2001, homologado pelo Senhor Ministro da Educação, em 15 de março de 2001, que fixa normas para o funcionamento de Pós-Graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*. O decreto em vigor ignora às 60 horas destinadas para formação didático-pedagógica determinada na Resolução anterior.

O docente do ensino superior brasileiro, como foi visto, enfrenta ao longo de sua formação uma estrutura de formação que sempre privilegiou o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para docência em cursos superiores.

Para formar docentes com as competências necessárias à nova realidade, as Instituições de Ensino Superior (IES) propõem aos professores a formação específica ao perfil acadêmico dos cursos. Para superar essa limitação, muitos desses docentes participam ainda de pós-graduação em docência do ensino superior, pois almejam estar preparados para atender a demanda do mercado e destacar-se profissionalmente. Contudo, faz-se necessário investir em programas contínuos de formação, direcionados ao campo de ação no qual pretendem atuar, envolvendo tanto o ensino, a extensão e a pesquisa.

Sobre a qualificação pela pesquisa, Gomes e Schaffel (2007, p.44), afirmam que:

A formação do professor pela pesquisa não é um processo que se limita à aprendizagem de competências, saberes e conteúdos em disciplinas específicas, mas

constrói-se fundamentalmente na vivência de práticas reflexivas, inquiridoras, problematizadoras.

Se de um lado se reconhece que as competências próprias à docência sejam essenciais para o bom desempenho das atividades docentes, percebe-se também que muitos outros fatores podem influenciar diretamente na adequação ou não dos docentes a nova realidade. A insatisfação apresenta-se constantemente como “companheira de jornada” de muitos profissionais da área de educação. Assim é de suma importância o papel da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que é o meio oficial de luta dos profissionais da educação. É através dela que se buscam melhorias para as condições de trabalho dos docentes, onde além de se discutir assuntos pertinentes à categoria incentivam-se, também, a conscientização da necessidade de luta para mudar situações de insatisfação.

Necessário se faz abordar algumas dificuldades que conseqüentemente geram insatisfação e são percebidas como entraves no âmbito da educação. Percebe-se na má remuneração, uma das grandes dificuldades vivenciadas pelos docentes que muitas vezes precisam trabalhar em tempo integral e, assim, não ficam com tempo livre para investir na sua formação. As condições desfavoráveis ao trabalho relacionadas à infraestrutura da instituição, à falta de motivação oriunda do descaso para com os professores ou com a profissão, são questões que devem ser pensadas sobre a profissão e o profissional docente.

Destaca-se, ainda, a precária qualificação de muitos professores sobre os quais é atribuída a responsabilidade pelos elevados índices de formação inadequada dos discentes. Na atualidade, são desencadeados inúmeros processos e programas pedagógicos que refletem diretamente a busca por excelência acadêmica o que implica a necessidade de profissionais extremamente preparados para promover a difusão do conhecimento científico, pedagógico e vivencial através de métodos que induzam a reflexão. Dessa maneira, cria-se "terreno" propício para as várias discussões dos problemas que permeiam os campos do saber no que se refere aos recursos de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto a ser considerado, refere-se à capacidade de identificar problemas e buscar a solução, pois, diagnosticar o problema é de pouca valia se as medidas cabíveis para solucioná-los não forem postas em prática. Nesse contexto de mudanças, necessidades de novas competências, formação e informações ganha ênfase o tema empregabilidade, o qual

sugere uma ruptura com a noção tradicional de qualificação onde supostamente o professor aprendia num único momento, o conteúdo a ser ministrado. A atitude pautada na empregabilidade prima pela criatividade, inovação e qualidade. Segundo Teixeira (1998, p.167), a empregabilidade está diretamente ligada ao neoliberalismo e afirma que:

Advindos da retórica neoliberal, vão ganhando visibilidade os conceitos de competência individual, empregabilidade e a constituição de um 'espírito' de iniciativa, lealdade, e comprometimento, referências que passam a nortear as políticas educacionais e um sem número de programas/projetos de (re) qualificação profissional direcionados aos trabalhadores agora chamados a se transformarem em 'novos homens.

Reconhece-se, no entanto, que quanto mais conhecimentos um profissional adquirir e mais efetivo for a articulação desses conhecimentos, maiores serão as suas possibilidades de aumentar suas chances de se tornar empregável. Mas, há outros aspectos a considerar.

Sabe-se que existe um conjunto de qualificações técnicas e comportamentais que estão de alguma forma, alinhadas com as necessidades manifestadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) que nem sempre são propostas na formação de um curso de graduação como mencionado anteriormente. A partir desse panorama, intensificam-se os esforços individuais e institucionais com vistas a adequar a formação profissional dos docentes à demanda do mercado de trabalho. É importante, porém lembrar que, enquanto educador, não se pode desconsiderar a real necessidade do educando em prol do “estar empregado”. Ética é também imprescindível e fundamental.

Sabe-se que a qualificação profissional confere ao indivíduo maior credibilidade em relação ao seu trabalho, uma vez que o mercado de trabalho bem como a sociedade de maneira geral tem incluído quem está preparado para competir e excluído quem não busca qualificação permanente.

Para atuar como professor no ensino superior é indispensável que o profissional tenha sólidos conhecimentos da área, mas isso só, não é suficiente; é necessário que somados a esses conhecimentos estejam às habilidades pedagógicas, que realmente são tão necessárias quanto o conhecimento da área de atuação. Com relação a estas habilidades, é preciso considerar as questões que envolvem saber como se ensina e saber como se aprende.

Constata-se que a formação dos professores, especialmente do ensino superior, por ser na maioria das vezes insatisfatória, acaba comprometendo o desempenho do próprio

professor, e conseqüentemente, a qualidade do ensino e dos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior.

Acreditou-se durante muito tempo que a função do professor era ensinar. Entretanto, a atual concepção de professor universitário implica a sua atuação na pesquisa, extensão, planejamento de aulas, avaliação e principalmente o domínio na clareza de conceitos e práticas pedagógicas. Com a integração harmônica dessas competências, o professor de ensino superior busca ainda encontrar soluções para sanar os problemas detectados no âmbito da educação.

Percebe-se na sociedade atual, a preocupação em ultrapassar a concepção histórica da docência ligada a um fazer vocacionado, onde se acreditava que para ser professor tinha que ter vocação. Nóvoa (1992), em seus estudos, trata da formação e da profissão docente, mostrando que, historicamente, a qualificação do professor não pode separar o *eu* pessoal do *eu* profissional. Nesse sentido, Nóvoa (1992, p.25) considera especificamente três processos na formação docente:

- a) produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal). Isto implica valorizar, como conteúdo de sua formação, seu trabalho crítico-reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre as suas experiências compartilhadas. Nesse sentido, entende que a teoria fornece pistas e chaves de leitura, mas isso não significa ficar no nível dos saberes individuais. A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, de uma teoria especializada e de uma militância pedagógica, isto é, do domínio de determinada área do conhecimento, da área pedagógica e do exercício da dimensão política.
- b) produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional). Significa instituí-la de saberes específicos que não são únicos, no sentido de que não compõem um corpo acabado de conhecimentos. Os problemas da prática profissional docente, por conseguinte, não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num âmbito de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores. Nesse sentido, a formação dos professores envolve um duplo processo: o de autoformação, a partir da reelaboração constante dos saberes que realizam em sua prática, confrontando suas experiências nas instituições escolares onde atuam.
- c) produzir a escola (desenvolvimento organizacional). Nesse caso, significa que as instituições de educação devem ser entendidas como espaço de trabalho e formação, o que implica gestão democrática e práticas curriculares participativas, propiciando a constituição de redes de formação contínua, cujo primeiro nível é a formação inicial de redes de formação contínua, cujo primeiro nível é a formação inicial.

A docência do ensino superior sempre deu ênfase ao domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para o ensino em cursos superiores. Essa realidade, no entanto, mudou e agora se observa a relevância de determinadas competências para os professores universitários. É importante ressaltar que nos currículos de formação, a

competência deve ser compreendida como algo em constante construção e estar sempre pautada no aprendizado da e para a profissão de professor.

Com base em Perrenoud (2000), destacam-se aqui algumas dessas competências.

a) Organizar e dirigir situações de aprendizagem - são provavelmente competências que não podem faltar ao docente da nova realidade, pois a partir daí o docente torna-se capaz desenvolver métodos voltados para o aprendizado adequado às necessidades do aluno. Nesse contexto, cabe ao docente dominar os conteúdos com suficiente fluência para construí-los em situações abertas ou em tarefas complexas, onde os alunos são induzidos a dialogar expondo suas dúvidas e anseios que acabam mobilizando o ensino.

b) Administrar progressão das aprendizagens - essa competência convida o docente a escolher e modular as atividades em equipe, considerando também as estratégias a serem utilizadas a cada instituição de ensino considerando as diferenças dos alunos. O emprego dessa competência permite ao docente analisar, observar e avaliar o aluno em situação de aprendizagem de acordo com uma abordagem formativa; fazer avaliação de competências e, a partir das necessidades, tomarem decisão de progressão.

c) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação - ao docente é fundamental a capacidade de considerar as disparidades nos seus diferentes níveis de desenvolvimento. O importante, numa pedagogia diferenciada, é criar dispositivos múltiplos, não baseando tudo na intervenção do professor. Importante também é a capacidade na definição de estratégias de ensino aprendizagem.

d) Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho – suscitar o desejo o desejo de aprender, negociar com os alunos algumas regras e favorecer a definição de projetos pessoais do aluno no âmbito da aprendizagem.

e) Trabalhar em equipe – essa é talvez uma das competências mais importantes ao docente da nova realidade, a capacidade em administrar crises ou conflitos interpessoais, a condução de reuniões. O discernimento para enfrentar e analisar situações complexas, de maneira prática, é extremamente fundamental na atual realidade;

f) Participar da administração da escola - a parceria na elaboração e desenvolvimento de projetos, bem como a capacidade de administrar os recursos da escola. Organizar e fazer evoluir a participação dos alunos é fundamental ao docente do século XXI.

g) Informar e envolver os pais - o processo que envolve o ensino aprendizagem não ocorre isoladamente. A competência maior é saber situar-se claramente: partilhando responsabilidades, inquietações, mobilizando os pais e utilizando um tom cortês na hora da comunicação das inquietações.

h) Utilizar novas tecnologias - a escola não pode ignorar as novas tecnologias de informação e da comunicação (TIC), que transformam de maneira espetacular as nossas maneiras de comunicar, de trabalhar, de decidir e de pensar. E assim, o docente necessariamente deve capacitar-se para fazer uso dos novos recursos tecnológicos. A competência do professor consistirá em utilizar os instrumentos multimídia já disponíveis e, talvez em alguns casos, desenvolver inovações nesse domínio de conhecimentos.

i) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão - prevenir a violência na escola e fora dela, lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais. A competência está em desenvolver responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça.

j) Administrar sua própria formação continuada - saber evidenciar as próprias práticas, estabelecer prioridades na aplicação de suas competências e de seu programa pessoal de formação contínua tanto individual quanto coletiva.

Segundo Perenoud (2000), essas competências são fundamentais e indissociáveis a prática docente proposta pela nova realidade compostas por mudanças e inovações inerentes ao século XXI. Entretanto, cabe ao docente saber lidar com essas mudanças e nesse contexto fazer suas opções de acordo com um projeto de vida ou com um conjunto de valores, pautadas na superação das estruturas que limitam sua ação em prol de seus objetivos.

"Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro a tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática." (Freire, 1991, p. 58).

CONCLUSÕES

O ser humano é um ser em constante mudança. Porém, sabe-se que mudar requer determinação, planejamento estratégico e coragem, principalmente quando essa modificação está relacionada ao âmbito profissional. Ao docente do ensino superior do século XXI, a necessidade de mudanças se faz em resposta às inovações tecnológicas que surgem aliadas ao novo contexto social.

Na sociedade pós-moderna, onde a força que gera riquezas depende do capital intelectual, não basta ao docente desempenhar seu papel de educador como intermediário ou mediador no processo de ensino aprendizagem com base apenas nos conhecimentos adquiridos na formação inicial, visto que sua formação acadêmica se deu em outro contexto. É preciso, no entanto, buscar uma formação ampla e permanente. Para que esse professor seja eficaz nas ações docentes que pretende desenvolver, faz-se necessário dominar competências capazes de produzir um equilíbrio que associe as tendências inovadoras e as tradicionais.

Com a globalização e a velocidade com que se dá a transmissão de informações é imprescindível ao docente desenvolver habilidades que lhe permita utilizar novos recursos tecnológicos nos processos de ensino aprendizagem. A formação para a docência no ensino superior requer uma qualificação capaz de aliar o domínio do conhecimento específico à área de atuação, a prática pedagógica articulada para a superação de situações novas e desafiadoras que surgem em sala de aula. Essas novas demandas resultam de desafios de uma sociedade em contínua mudança, que apresenta novas exigências que se fundamentam numa educação permanente e numa formação profissional constante ao longo da vida.

A nova demanda educacional na qual emergem os cursos sequenciais, recursos multimídia e a nova modalidade de Ensino a Distância – EAD tem enfatizado muito o domínio dos conhecimentos científicos e tecnológicos. Contudo, começa a perceber-se a necessidade de dar mais atenção às questões de relacionamento interpessoal. O “educar” não se completa de forma isolada e as divergências entre professores e alunos acarretam perda de tempo e muitas vezes desarticulam todo um planejamento estruturado para facilitar o processo de ensino-aprendizado. O professor não pode ficar imune às novas transformações que ocorrem continuamente na escola e na sociedade. Ao mesmo tempo, é preciso considerar a sua valorização pessoal e profissional como docente, as quais vêm atreladas às necessidades peculiares do alunado sejam essas de aprendizado ou de caráter emocional.

Sabe-se que na sociedade do conhecimento, a formação inicial é um processo fundamental na construção da identidade profissional do professor, porém torna-se necessário a articulação desta ao processo contínuo de formação para que o docente esteja apto a construir os saberes necessários à sua prática educacional. Os discursos calorosos desencadeados tanto por educadores apaixonados pela docência quanto por pesquisadores comprometidos são cada vez mais frequentes. Esses estabelecem de forma direta ou indireta que ser professor universitário na atualidade requer uma infinidade de conhecimentos (teóricos e práticos), competências (habilidades, capacidades e atitudes) e reflexão sobre sua prática. Vale salientar ainda a relevância da troca de experiências partilhadas tanto por docentes entre si quanto com os discentes com os quais interagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. I. Formação contínua de professores. In: PROGRAMA SALTO PARA O FUTURO. **Formação contínua de professores**. Boletim 13 ago. 2005.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 17ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.100
- BRASIL. MEC/CNE. Parecer 670/97, aprovado em 6/11/97 que trata dos Cursos Sequenciais no Ensino Superior. **Documenta**. Brasília, (434), novembro de 1997, p. 415
- CARLINI, Alda Luiza. **Procedimentos de ensino: escolher e decidir**. In: SCARPATO, Marta (Org.). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Editora Avercamp, 2004.
- CASTANHO, Maria Eugênia. (org.) **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- DEMO, Pedro. **Desafios Modernos na Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.
- FACCI, M. G. D. **O psicólogo nas escolas municipais de Maringá: a história de um trabalho e a análise de seus fundamentos teóricos**. 1998. 252 fls. (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do Aprendente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.
- GATTI, B. A. **Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas (98), 1996.
- GOMES, Júlio César; SCHAFFEL, Sarita Léa. **Formação docente: diferentes percursos**. Rio de Janeiro: CEP, 2007
- GONZÁLEZ, José Antônio Torres. **Educação e Diversidade: bases didáticas e organizativas**. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- HARGREAVES, Andy. **Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização**/Andy Hargreaves, Lorna Earl, Shawn More, Susan Manning. Porto Alegre: Artemed, 2002.

HARPER, B. et al. **Cuidado, escola!** 20 ed. São Paulo: Brasiliense. 1985.

HARVEY, David. **Condições pós-moderna**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

LITWIN, Edith. **Educação a Distância - Temas para o Debate de uma Nova Agenda Educativa** Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa, Dom Quixote, 1992.

_____. **Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema**. In: SERBINO, Raquel V. (org.) **Formação de Professores**. São Paulo: UNESP, 1998.

NÉRICI, I. G.. **Educação e tecnologia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1973.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2002

_____. **10 novas competências para ensinar**, Artemed 2000

PIMENTA, Selma G.; ANASTASIOU, Lea das Graças C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Educação do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo, Cortez. 1998.

TEIXEIRA, Ana. **Trabalho, tecnologia e educação: algumas considerações**. Trabalho e Educação, Belo Horizonte, NETE/UFMG, nº 4, p.161-184, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **O Ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.